

Nome: Pedro Ivan Moreira de Sampaio
E-mail: ivandesampaio86@gmail.com
Instituição de Ensino: USP
Orientador: Dr. Alex de Campos Moura

A TEORIA ECONÔMICA MARGINALISTA:
PROLEGÔMENOS DE UMA EPISTEME POR VIR.

Resumo:



Armand Guillaumin - Ivry in snow - 1873

É provável que Armand Guillaumin tenha pintado seu “Ivry in snow” durante o inverno de 1873. A tela mostra em seu primeiro plano uma das margens do rio Sena, pequenas embarcações e algumas poucas figuras humanas, tudo num quadro que remete a uma manhã fria de inverno. A neve cobre toda a margem do rio, deixando despontar apenas em alguns pontos um pouco do verde da relva. Apesar do título do quadro, a cena não é propriamente da precipitação cobrindo a cidade, mas sim da manhã que a sucede, do início de um dia escuro de inverno que permite ao espectador quase sentir o frio e a solidão das poucas pessoas ali representadas.

Em contraste com a branquidão frígida deste primeiro plano da tela, é possível ver ao fundo, no canto direito da paisagem, as longas chaminés das fábricas. Todas aparentemente já em funcionamento, expelindo sua fumaça cuja negridão encontra

abrigo na escuridão dos céus e semelhança nos trajes escuros dos solitários transeuntes. Se a neve, presente no título da obra, nesta tela nos remete ao passado, à força da natureza da noite anterior; já as pequenas chaminés da margem direita, apontam para o futuro, em um quadro onde o progresso industrial não pode mais ser escondido pela neve que cobre de branco a relva verde.

Não é apenas nesta pintura e nem somente no trabalho de Guillaumin que é possível se deparar com esses “detalhes” industriais que despontam de um primeiro plano bucólico. Em diversas telas do impressionismo este fenômeno é perceptível. É como se no final do século XIX, este ambiente urbano-industrial, signo da pujança econômica, pouco a pouco roubasse a cena. Observe-se também que não se trata de retratar em detalhes uma fábrica, o meio industrial ou a situação precária de seus trabalhadores. Nestas pinturas do impressionismo, quando este “detalhe” desponta, ele aparece quase sempre como um ponto no canto da tela, algo que desvia o olhar do espectador, que o remete à certa ideia de “progresso” de “desenvolvimento econômico”, mas sempre em sua generalidade, como um elemento inexorável que teimaria em aparecer até mesmo quando o objeto primeiro do quadro lhe é avesso.

Esta breve comunicação se orientará então por estes signos que emergem no impressionismo, da pequena nuvem escura no canto de uma paisagem campestre até a locomotiva a vapor pitada por Monet, invadindo a cena na Gare de Saint-Lazare, representando a força da economia capaz de recolorir dos muros da cidade às telas das galerias.

Deste modo, trabalho centrará seus esforços no estudo da teoria econômica contemporânea a estes artistas impressionistas. Pretende-se abordar o período de alguns anos, de 1871 até 1874, momento de surgimento da chamada escola marginalista de economia, tomando por referência primeiramente os escritos de Carl Menger¹, William Stanley Jevons² e Léon Walras³ publicados nestes anos. A hipótese da qual se parte é de que neste breve período, as obras destes autores refletiram uma significativa transformação no âmbito do pensamento econômico e possivelmente para além dele.

O que se pretende então é caracterizar uma suposta transformação epistêmica a partir do estudo da emergência da teoria marginalista econômica do final do século

¹ MENGER, C. *Princípios de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Economistas).

² JEVONS, W. S. *A Teoria da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Economistas).

³ WALRAS, Léon. *Compendio dos Elementos de Economia Política Pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Economistas).

XIX. Tomar-se-á como referência condutora desta reflexão como um todo a pesquisa sobre os neoliberalismos, empreendida pelo filósofo francês Michel Foucault em 1978-1979, por ocasião de seu curso *Naissance de la biopolitique*⁴, no *Collège de France*.

Para tentar apontar esta possível transformação epistêmica, pretende-se então extrair dos estudos dos primeiros escritos marginalistas três “consequências” ou decorrências que acreditamos poderem ser indícios da mudança de solo epistêmico referida. A partir então do estudo das teoria do valor marginalista em Menger e Jevos e da teorização do equilíbrio geral do mercado em Walras, se pretende apontar, em primeiro lugar, para uma mudança atinente à cientificidade do saber econômico; em seguida, para o surgimento do Mercado enquanto uma entidade capaz de modificar o local até então ocupado pelo homem na produção da verdade, e por fim, para uma transformação no papel desempenhado pelo tempo no saber econômico tendo como consequência uma nova forma de experiência da temporalidade já em meados do século XX.

Trata-se assim de uma análise que pretende explicitar os prolegômenos da constituição de um modo de pensar. Modo este que encontra seu apse, não nas telas do impressionismo, mas talvez no quadro do nosso presente.

O que se pretende então esboçar aqui são as primeiras nuvens de fumaça escuras que aparecem nas margens das pinturas impressionistas, os indícios de aproximação da locomotiva de Monet não em Saint-Lazare, mas no nosso presente trazendo com sigo a experiência de um tempo futuro.

Bibliografia principal

- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 2008.
_____. *Naissance de La Biopolitique: Cours au Collège de France 1978-1979*. Éditions Seuil/Gallimard. Paris. 2004.
- JEVONS, W. S. *A Teoria da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção *Os Economistas*).
- MENGER, C. *Princípios de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção *Os Economistas*).
- WALRAS, Léon. *Compendio dos Elementos de Economia Política Pura*. São Paulo: Abril Cultural. 1983. (Coleção *Os Economistas*).

⁴ FOUCAULT, Michel. *Naissance de La Biopolitique: Cours au Collège de France 1978-1979*. Éditions Seuil/Gallimard. Paris. 2004.